O Emprego de Terroristas Suicidas pelo Hezbollah Durante a Década de 80:

Desenvolvimento Teológico, Político e Operacional de uma Nova Táctica

Capitão Daniel Helmer, Exército dos EUA

O MUNDO OCIDENTAL APÓS o 11 de setembro parece considerar o ataque suicida como um fenômeno islâmico tradicional em que os muçulmanos reprimidos e desprivilegiados demonstram suas frustrações ao explodir a si mesmos no meio da população. No entanto, isso é uma impressão equivocada. Os *shadada* não são simplesmente homens-bomba frustrados adotando uma tradição respeitada por sua cultura. O emprego desta tática pelo Hamas e outros grupos palestinos, pelo *Jemmah Islamiyah* nas Filipinas e recentemente por membros de *Fedayeen Saddam*, talvez sugira que o conceito de ataques suicidas terroristas esteja de certo modo encaixado na cultura árabe e islâmica, mas não está. Quando o Hezbollah adotou a tática em 1983, a novidade do método e a inexistência de um outro dado comparativo atraíram a atenção do mundo ao recém-formado grupo.[3]

Havia poucos precedentes na história árabe, islâmica e até mundial para os primeiros ataques suicidas do Hezbollah. Em 1983, um ataque em que um terrorista suicidou-se matando outras pessoas foi simplesmente extraordinário. Segundo Jeffrey Goldberg, "A organização, o Hezbollah, virtualmente inventou o ataque terrorista em várias frentes quando, na manhã de 23 de outubro de 1983, sincronizou um ataque suicida, em Beirute, no quartel dos Fuzileiros Navais dos EUA e num prédio de apartamentos onde estava alojado um contingente francês em missão de paz. Esses ataques ocorreram com um intervalo de 20 segundos."[4] Trezentos soldados da Força Multinacional morreram nesses ataques. O uso de terroristas suicidas nessa operação como uma tática militar eficaz e altamente planejada destacou o Hezbollah de outras organizações extremistas dentre as islâmicas e as não-islâmicas.

Se o Hezbollah tivesse simplesmente realizado esse ataque com seu método característico (outros grupos terroristas na década de 80 tinham seus tipos de ataques tradicionais), a tática valeria para a exploração histórica apenas como uma anomalia. Muitos dos autores não consideram notáveis os ataques suicidas do Hezbollah. Por exemplo, Ann Mayer declara que outros grupos terroristas e organizações islâmicas por todo o mundo empregavam táticas semelhantes para conseguir objetivos políticos similares.[5] Os meios de comunicação ocidentais consideravam

O *shahid* (mártir) pode ser comparado a uma vela que ao apagar-se projeta luz para o benefício dos outros. Os *shahada* (martírios) são as velas da sociedade. Eles se apagam e iluminam a sociedade. Se eles não projetarem sua luz, nenhuma organização pode brilhar.

—aiatolá iraniano Mortez Mutaharri[1]

A civilização não acredita que se enfrenta um foguete com uma vara ou um caça a jato com uma pipa ou um navio de guerra com um veleiro... Deve-se enfrentar a força com uma força igual ou superior. Se for legítimo defender a si próprio, a terra e o destino, então, todos os meios de autodefesa são legítimos.

—aiatolá libanês Hussein Fadlallah[2]

O Capitão Daniel Helmer recebeu bolsa de estudos Rhodes e atualmente é participante do programa de Mestre em Filosofia na Universidade de Oxford. Obteve o título de Bacharel pela Academia Militar dos EUA em 2003. O Cap Helmer já desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e também foi desdobrado para o Iraque para apoiar a Operação Iraqi Freedom.

o Hezbollah somente como um grupo terrorista xiita com elos no Irã e como parte de uma ameaça pan-islâmica irracional e perigosa. Quando o Hezbollah realizou seus ataques suicidas, os repórteres ocidentais perceberam um pouco mais na "malfeitoria" dos perpetradores.[6] Mas outros grupos islâmicos, antes do Hezbollah, não empregavam homens-bomba na década de 80, por isso, a malfeitoria supostamente inerente da ameaça islâmica não explica muito bem a mudança do Hezbollah para os ataques suicidas.

Também havia tendência de se ignorar qualquer dimensão teológica que pudesse dar ao ataque suicida uma aparência da legitimidade. Até muitos dos escritores árabes deixaram de lado o raciocínio islâmico para defender o extremismo muçulmano e rotularam grupos como o Hezbollah de "errados" em suas proclamações do *jihad*.[7] O escritor libanês Saad-Ghorayeb é um desses cépticos. Ele acredita que as reivindicações do Hezbollah sobre a inspiração islâmica são o resultado de um utilitarismo moral complicado, no qual todas as ações podem ser justificadas dentro de um esboço islâmico.[8] Contudo, Muhammad Hussein Fadlallah, o guia espiritual do Hezbollah (e um defensor dos ataques suicidas), assumiu uma posição resoluta contra o uso de seqüestro pela organização. Isso sugere que o Hezbollah não usava o islamismo xiita para justificar qualquer ação e que sua justificativa teológica de ataques suicidas foi bem-pensada e realmente acreditada.[9]

Os pensadores contemporâneos afirmaram que a lembrança dos sacrifícios dos mártires não era suficiente; somente com o próprio martírio pode-se ajudar o retorno do Imame Oculto.

Nenhum dessas citações explica satisfatoriamente o emprego de terroristas suicidas pelo Hezbollah. A escolha específica e racional de ataques suicidas como um meio militarmente eficaz e teologicamente justificado para alcançar fins políticos distinguiu o Hezbollah de todos os outros grupos na década de 80. Por essa razão, esse tipo de ação do Hezbollah merece um estudo histórico sistemático.

O Suporte Teológico de Autodestruição

Como conseqüência da Revolução Iraniana e a posterior crise de reféns, do ataque suicida do quartel dos Fuzileiros Navais dos EUA e da captura e execução de reféns ocidentais pelo Hezbollah o mundo ocidental considera o islamismo como uma religião irracional e extremista e vê a concepção xiita até mais extremista do que a sunita. No entanto, por muitos séculos os xiitas se preocupavam com a sobrevivência num mundo dominado pelos sunitas: "Por séculos o xiismo cultivava o ideal de sofrimento e da capacidade de suportar. O protótipo xiita era agüentar silenciosamente o martírio (*shahid*) e não o revolucionário insurreto."[10] O homem-bomba, "orientado por um clérigo e apoiado e dirigido operacionalmente por um agente do Hezbollah," é totalmente diferente de um sofredor passivo que representa a maioria da história xiita.[11]

O evento religioso mais importante no calendário xiita ocorre durante os primeiros 10 dias do mês de *Muharram*, quando os xiitas comemoram a vida e lamentam a morte de seus grandes mártires. Em *Ashura*, no 10° dia de *Muharram*, os xiitas marcham pelas ruas de suas cidades, muitos se flagelando e chorando para lamentar a morte do imame Hussein, quem eles consideram como o terceiro sucessor legítimo de Maomé. As multidões expressam desgosto sobre a morte de Hussein e a opressão sofrida por essa facção religiosa.[12] Os xiitas acreditam que Hussein morreu como um mártir tentando defender "a justiça contra a opressão."[13]

No passado, os xiitas respeitavam e lamentavam a morte de Hussein, mas não se sentiam compelidos a imitar seu martírio. Ao acreditar que o domínio justo desapareceu da terra com a morte do Imame Oculto em 874, esperavam o dia que ele regressaria para libertá-los e estabelecer o domínio de Deus na terra. Até esta data, eles empregavam *taqiyya* (dissimulação), agindo de acordo com os preceitos sunitas e escondendo sua identidade xiita para que o Imame Oculto tivesse um quadro de seguidores para estabelecer o domínio de Deus na terra.

De certa forma, *taqiyya* representava os desejos dos imames de alcançar um regime islâmico ideal, pelo lançamento de uma revolução com a aparência do Imame Oculto como o líder da comunidade ou então, pelo menos, preparando o caminho para uma insurreição no futuro. Entretanto, os xiitas evitavam a inimizade ao não expressar publicamente suas opiniões sobre as deficiências dos governos muçulmanos.[14]

AFP

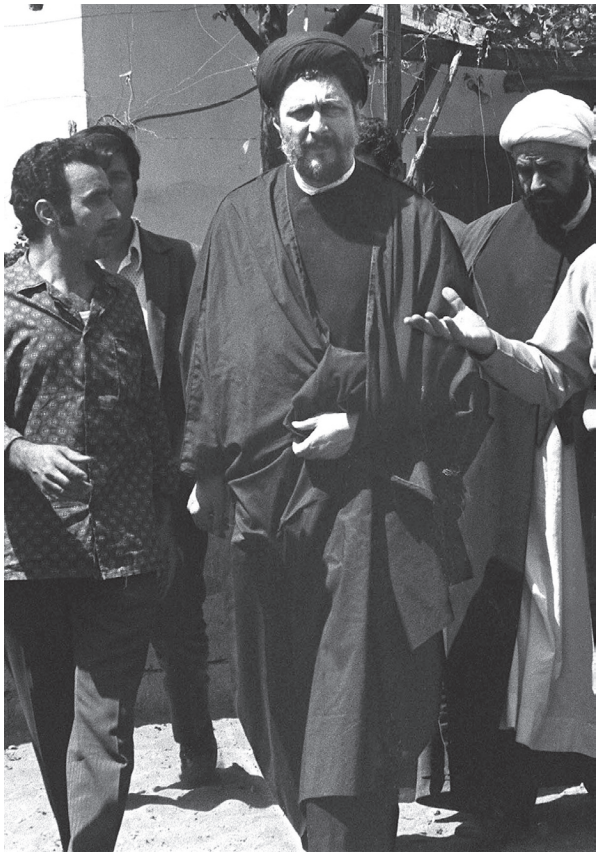
Integrantes dos Fuzileiros Navais buscam seus companheiros nos escombros depois que as instalações de seus quartéis foram destruídas por um suicida em um carro-bomba. Na explosão morreram 239 fuzileiros. (23 de outubro de 1983)

Para os xiitas, a religião e as políticas permaneciam separadas. O poder político verdadeiro pertencia apenas a Deus e ao Imame Oculto; todo o poder leigo era usurpado e falso. Os imames xiitas acomodavam os líderes políticos pela necessidade, mas geralmente ficavam fora das políticas. Eles e seus seguidores desconfiavam das políticas como um esforço humano e raramente usavam a guerra como uma ferramenta política. Como o autor John Kelsay explica, "A idéia de que as guerras devem ser travadas para os intentos 'seculares' — por exemplo, a defesa de uma nação-estado (ao contrário de um estado definido pelas idéias islâmicas) — é vista com um pouco de desconfiança, como a abertura de uma porta para conduzir e recorrer à guerra."[15] Qualquer atividade militar para a obtenção de objetivos políticos, sem falar dos ataques suicidas, estava fora das idéias religiosas do pensamento xiita.

Embora seus inimigos sunitas os perseguissem depois da ocultação, os xiitas tinham uma aversão tradicional pelo suicídio. Uma estória relata como um grupo de xiitas perseguidos discutiu o suicídio em massa como uma saída do seu predicamento, mas rejeitaram a idéia. Um desses foi citado, dizendo "Meu Deus, se eu soubesse que o meu suicídio me livraria dos meus pecados e me reconciliaria com Deus, eu me mataria!" Mas, ele continuou, "o que era permitido para os israelenses era — lamentavelmente — negado aos muçulmanos."[16]

Os novos pensamentos xiitas que surgiram nos seminários iraquianos de Najaf e do Irã na década de 60 desafiaram o silêncio e o desengajamento político xiita. Os pensadores contemporâneos afirmaram que a lembrança dos sacrifícios dos mártires não era suficiente; somente com o próprio martírio pode-se ajudar o retorno do Imame Oculto.[17] Esta declaração efetivamente politizou o xiismo, acabando com seu período de silêncio. Inspirado por clérigos como Sayyed Ruhollah Mousavi Khomeini do Irã e Musa al Sadr do Líbano, um povo que prosperara com suas próprias aflições agora sustenta uma ideologia revolucionária de ativismo. Logo, outros líderes também usavam as idéias de Khomeini e Sadr para justificar o terrorista suicida.

A ideologia que conduziu à Revolução Iraniana reduziu a ênfase de *taqiyya* e politizou o *shahadat* (martírio). Segundo Khomeini, "declarar o certo é obrigatório," até quando isso colocar o seguidor numa posição perigosa a ponto de não se permitir mais efetuar uma mudança.[18] De fato, o enfoque total do xiismo mudou com esses pensadores



AFP

Musa al-Sadr, acompanhado por associados de sua comunidade em Beirute. Sadr fundou o movimento Amal, que desempenhou um importante papel na guerra civil do Líbano (1975-1990) antes da criação do Hezbollah.

revolucionários. Já não se protege por meio de *taqiyya*; agora todos são obrigados morrer como um martír, a não ser que o islã não ganhe nada pela morte.

Isto foi uma mudança de paradigma. A nova doutrinária xiita afirma: "A dissimulação é um assunto pessoal e pertence a indivíduos colocados em uma posição de fraqueza perante inimigos poderosos; eles dissimulam enquanto consideram que, se a dissimulação não for feita não só perdem suas vidas, mas também *nenhuma vantagem positiva é derivada de sua morte*."[19]

Depois da Revolução Iraniana, a defesa do xiismo político se tornou supremo. Os xiitas colocaram a proteção dos ideais da Revolução Iraniana antes da autodefesa. Khomeini acreditava que a proteção dos ideais da revolução traria o retorno do Imame Oculto.

Nos tempos anteriores, os xiitas viam as chamadas para a *jihad* com ceticismo. A guerra para a autodefesa sempre foi permitida, mas os pensadores mais tradicionais xiitas preferiam considerar este tipo de guerra como *defaa* (defesa) e não uma *jihad*.[20] Só o Imame Oculto pode declarar a *jihad* quando ele voltar da sua ocultação.[21] Khomeini concordou que as guerras defensivas são *defaa* e não *jihad*; no entanto, embora ele reduzisse o emprego dessas ações militares ele disse que a participação nelas era obrigatória para as seguintes situações:

- "Se o inimigo invadir nossas cidades e fronteiras é obrigatório para todos os muçulmanos defendê-las com qualquer meio possível, abandonando a vida e os bens. E neste caso, não é necessário a permissão do líder religioso.
- Se os muçulmanos temem que os estrangeiros tenham um plano para subjugar suas cidades, diretamente ou por meio de seus agentes, externos ou internos, é obrigatório que eles defendam os países islâmicos, utilizando qualquer meio possível.
- Se dentro de países islâmicos, houver suspeita de que estrangeiros podem dominar esses países é obrigatório para os muçulmanos frustrarem esse plano, utilizando qualquer meio possível e obstruindo a ampliação da sua influência."[22]

A simples premonição que estrangeiros *possam* influir excessivamente em um estado islâmico, sem falar em atacar, já justificava o emprego "de qualquer meio possível" para combatê-los. Antigamente, o xiismo fora uma religião de crença pessoal, mas nas mãos de Khomeini, se tornou uma religião com metas políticas. Segundo Khomeini, os clérigos devem administrar todas as funções governamentais e não deve haver uma separação entre a religião e a política.[23]

No Líbano, Musa al Sadr também politizou o xiismo com intento de mobilizar os xiitas para conseguir maior poder político e um melhor tratamento. Os seguidores de Sadr não aceitavam as idéias radicais promovidas por Khomeini; eles "queriam melhores condições materiais, proteção governamental, iguais oportunidades e um futuro melhor para seus filhos."[24] No entanto, ao incluir as metas políticas e religiosas em uma única esfera de ação, Sadr, como Khomeini, declarou que uma defesa teologicamente legítima por "qualquer meio possível" era um assunto político aceitável. Lutar pela justiça agora, ao invés de esperar por ela mais tarde, quando o Imame Oculto reaparecer, se tornou a prática xiita no Líbano.[25] Segundo

Gilles Kepel, um perito sobre o Oriente Médio moderno, "Sadr transformou o martírio de Hussein no modelo doutrinário para uma mobilização geral contra a injustiça social, que pela primeira vez elevou os xiitas, desprezados pelo Líbano, ao nível de uma força política verdadeira ao concedê-los um sentido de dignidade pessoal."[26] Sadr formou o movimento xiita politizado no Líbano antes da Revolução Iraniana ter ocorrido, desaparecendo logo em 1978.

O desaparecimento de Sadr, bem como o martírio de Hussein, marcaram o início da resistência contra a ocupação e controle do Líbano pelos estrangeiros. O ambiente político explosivo que ele criara e o vazio político causado por seu desaparecimento formaram uma área de proliferação às idéias revolucionárias de Khomeini. Um novo grupo de ativistas xiitas formou o Hezbollah, o "Partido de Deus." Eles desenvolveram uma doutrina na qual o martírio, por meio de ataques suicidas, para o fim de vantagem política chegou a ser a última expressão da piedade. Khomeini politizara o martírio, mas a diferença entre martírio político e o martírio da própria pessoa exigiu um desenvolvimento teológico considerável pelos clérigos do Hezbollah.[27]

O Hezbollah desenvolveu uma doutrina de ataques suicidas e a empregou, militar e politicamente para derrotar o que considerava de invasores estrangeiros do Líbano. Embora a necessidade de criação da tática ter sido evidentemente política, o Hezbollah desenvolveu uma doutrina de martírio pessoal dentro da estrutura da jurisprudência xiita altamente politizada vinda do Irã. O vínculo do Hezbollah com os clérigos revolucionários iranianos e em particular com Khomeini é evidente na sua Carta Aberta de 1985: "Nós, os filhos da nação de Hizb Allah, cuja vanguarda de Deus já foi vitoriosa no Irã e já estabeleceu o núcleo do estado islâmico central do mundo, obedecemos às ordens de um único comando sábio e justo, atualmente incorporado no supremo aiatolá Ruhollah al-Musavi al-Khomeini..."[28]

Mesmo assim, uma doutrina de ataques suicidas exigia um passo significativo da cultura iraniana de martírio. O aiatolá Morteza Mutaharri, que ajudou a inspirar a Revolução Iraniana, já explicou a dificuldade de desenvolver um raciocínio teológico para os ataques suicidas. Ao definir o suicídio e *shahadat* em uma narrativa detalhada islâmica, Mutaharri esclarece a natureza contraditória dos ataques suicidas: "O auto-assassinato: Neste caso, a morte em si mesma constitui um crime, e por isso, *é o pior tipo de morte*. As mortes suicidas e as provocadas por acidentes de trânsito causados pelo motorista se encaixam nesta categoria. Também pertencentes a essa mesma categoria aqueles mortos enquanto cometem um crime. Mas *shahadat* é a morte de uma pessoa que, apesar de ser completamente consciente dos riscos envolvidos, de bom grado os enfrenta para fins de uma causa sagrada ou como o Corão afirma, *fi sabil Allah* (na maneira de Deus)."[29]

Segundo Mutaharri, o suicídio era o pior tipo de morte e o melhor martírio. Esta asserção representava um dilema para os teólogos do Hezbollah, por isso Fadlallah desenvolveu um argumento teológico baseado na politização do martírio que superou as proibições xiitas contra o suicídio.

Durante a Guerra Civil Libanesa, Fadlallah passou por uma transformação religiosa profunda quando a cidade onde trabalhava foi bombardeada durante alguns dias pelos maronitas (membros de uma seita cristã que moram principalmente no Líbano e em comunhão com a Igreja Católica Romana). No seu livro *Al Islam wa Mantaq al Quwa* (Islã e a Lógica da Força), Fadlallah defende a resistência e a força para o estabelecimento da justiça. Ele disse que sem o poder, os xiitas não podem nem divulgar as palavras de Deus nem exaltar o seu povo; por isso, Deus ama a todos que empregarem a violência para lutar por sua causa. Este emprego de violência no nome do Islã, no entanto, não incluiu o ataque suicida.[30] O entendimento de Fadlallah está mais de acordo com o de Khomeini, Sadr e de outros clérigos revolucionários da época. Ele precisaria de outras fontes de inspiração para desenvolver um argumento teológico sólido para permitir o ataque suicida.

O xiismo reconhece a razão como uma fonte de jurisprudência islâmica.[31] Esta tradição estabeleceu uma maneira para a justificação teológica de Fadlallah para o ataque suicida. Fadlallah, da mesma forma que Khomeini, apoiava a idéia de que qualquer meio é justificável quando a luta é em benefício próprio. Isto foi uma noção extraordinária, porém compartilhada por muitos. Segundo Abdulaziz Abdulhussein Sachedina,

"Quando a descrença ameaça a existência da fé... até os regulamentos costumeiros da guerra podem ser suspensos."[32] Fadlallah afirmou que esta crença não foi tão diferente do que foi sustentado por muitos no Ocidente. Segundo Fadlallah, os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, com grandes perdas de vidas humanas, foram exemplos da crença de muitos que o desespero justifica o uso de armas habitualmente não aceitas em uma guerra convencional.[33]

Fadlallah declarou publicamente que a ocupação do Líbano por estrangeiros, particularmente a Força Multinacional e os israelenses, e seus interesses em preservar um governo no Líbano dominado pelos cristãos criaram uma situação defensiva na qual todos os meios de guerra eram legítimos. O Hezbollah disse ainda mais neste conceito do que Khomeini. Na sua Carta Aberta referiu à resistência como uma *jihad* em vez de simplesmente um *defaa*.[34] Como resultado, foi obrigatório para seus adeptos religiosos participarem da resistência, usando qualquer meio necessário. O martírio foi a forma de morte mais sublime e as circunstâncias exigiam aos seguidores que cometessem atos de martírio e auto-sacrifício.

A decisão para empregar o terrorista suicida foi um resultado direto do entendimento do Hezbollah do valor militar da arma e a crença que esses ataques podem efetuar uma mudança política.

Um outro argumento que sustentava que o ataque suicida era aceitável, foi o fato do Imame Hussein saber de seu martírio iminente em Karbala, mas mesmo assim escolheu lutar.[35] Da mesma forma que Hussein soubera disso, também o terrorista suicida saberia e seu suicídio sendo um meio de jihad contra o domínio estrangeiro, seria aceitável teologicamente. Na realidade não era suicídio, era guerra em nome de Deus: "Suicídio," Fadlallah disse, "não é um valor absoluto. É uma opção deixada a um povo sem opções e por isso o ato já não é considerado suicídio, mas martírio no nome de autodefesa. Isto é parte da lógica da guerra."[36]

Segundo Fadlallah, o que era importante era o auto-sacrifício e não o suicídio. Ele usou a morte de Hussein em Karbala, bem como o desaparecimento de Sadr, para proporcionar modelos históricos de estímulos para justificar os sacrifícios dos homens jovens que se explodiriam.[37] Como um incentivo adicional, os mártires que morrem ao realizar um ato legítimo de jihad irão para o céu sem seus outros feitos serem examinados por Deus.[38]

Foram os clérigos iranianos que finalmente estabeleceram a doutrina de auto-sacrifício e martírio no xiismo. Ali Shariati, cujas idéias ajudaram a formar a base da Revolução Iraniana e que foi assassinado pela polícia secreta do Shah do Irã em 1977, escreveu, "Shahadat é um convite para todas as gerações, em todas as idades, se não puder matar seu opressor, morra."[39] Em 1983, Khomeini pediu os xiitas no mundo inteiro para continuar a engajar-se nos atos de auto-sacrifício para assegurar a exportação da sua revolução.[40]

Fadlallah aproveitou-se disto e construiu o que ele pensava ser um argumento racional para o bombardeio suicida baseado na:

- crença que os desafios extraordinários para o Islã autorizam o emprego de medidas extraordinárias para combater as ameaças à fé;
- crença que o Imame Hussein tinha conhecimento prévio do seu martírio;
- na politização do martírio e
- súplica de Khomeini para o auto-sacrifício para exportar a revolução.

Por isso, a justificativa teológica para o ataque suicida foi baseada no pensamento racional dentro do âmbito da jurisprudência radical xiita. Esta justificativa existia antes que o Hezbollah empregasse seus primeiros terroristas suicidas. Mesmo assim, a justificativa de ataques suicidas por Fadlallah não foi razão suficiente para empregar este novo método; simplesmente fez que esta arma ficasse disponível. A decisão para empregar o terrorista suicida foi um resultado direto do entendimento do Hezbollah do valor militar da arma e a crença que esses ataques podem efetuar uma mudança política.

Uma Tática Prática

Em outubro de 1983, quando o Jihad Islâmico (um pseudônimo usado pelo relativamente desconhecido Hezbollah) empregou terroristas suicidas para explodir as instalações dos Fuzilei-

ros Navais e dos mantenedores da paz franceses em Beirute, a maioria das pessoas do Ocidente deplorou as explosões como atos de violência sem propósitos realizados por muçulmanos determinados a fazer nada além de matar. Esta primeira impressão foi duradoura e até o Hezbollah ter começado a concentrar seus ataques suicidas em outros alvos, depois de que a Força Multinacional saiu do Líbano, as pessoas do ocidente continuaram a considerar esses eventos como evidência de um fanatismo islâmico sem propósito. Contudo, a decisão do Hezbollah de utilizar os ataques suicidas foi tudo, menos irracional. Após justificar teologicamente a prática, o grupo cuidadosamente considerou as conseqüências militares e políticas desta tática em comparação com outras que podiam empregar. Com um bom entendimento das potencialidades dessa arma e as metas políticas que talvez ela pudesse ajudar a conseguir, o Hezbollah cuidadosamente determinou a hora certa para ataques suicidas para que seus inimigos sofressem baixas militares e políticas significantes.

Os líderes do Hezbollah identificaram cedo as metas políticas que queriam realizar no Líbano. Abbas Mussawi, o fundador e líder do Hezbollah até que os israelenses o assassinassem, enfatizou estas metas. O Hezbollah, disse ele, procurou "expulsar o colonialismo do Líbano, expulsar Israel da parte sul do País e estabelecer a república islâmica" por meio de esforços armados e ações sociais."[41]

Sayyed Hassan Nasrallah, um líder no início do Hezbollah que chegou a ser o secretário-geral depois do assassinato de Mussawi, também identificou as metas políticas do movimento. Durante um sermão em 1984 ele anunciou: "Somos contrários aos programas e à plataforma política do governo ilegal e não-canônico de Amin al-Jumayyil (presidente do Líbano de 1982 a 1988) ou qualquer outro indivíduo militar dependente das superpotências. Continuaremos nossa luta até o governo de Al-Jumayyil tombar. Os EUA, França e Israel são inimigos do Islã. Aqui declaramos que seguimos o caminho da Revolução Islâmica e não aceitamos nenhum outro governo no Líbano."[42]

Evidentemente, as metas para remover o governo e expulsar os poderes estrangeiros, embora embutidos na linguagem do Islã, eram predominantemente políticas. Para alcançá-las, o Hezbollah decidiu recorrer às armas. Segundo Fadlallah, a meta do conflito armado era tirar os xiitas da opressão que viviam no Líbano; foi uma "revolta para sua liberdade."[43] Fadlallah declarou que o conflito armado continuaria "até que Israel saísse de sua última faixa na fronteira."[44] Logo, a decisão do Hezbollah de usar os ataques suicidas foi prática: o grupo acreditava que a tática seria útil para alcançar suas metas políticas.

AFP

O xeque Abás al-Mussawi, fundador e líder do Hezbollah (o Partido de Deus), em 10 de julho de 1985 posa em frente da imagem do líder iraniano o Aiatolá Khomeini, em Baalbeck, a fortaleza do Hezbollah apoiada pelos iranianos no Valle de Bekaa.

O Hezbollah exibia pragmatismo militar ao empregar o que funcionava e descartar o que não servia. Embora não pudesse enfrentar os israelenses no combate convencional, a organização determinou "enfrentar a força com uma força igual ou superior."[45] Isso consistia no emprego de táticas não convencionais e assimétricas — especificamente o homem-bomba. Quando Israel empregou novas táticas ou armas para reagir contra as táticas do Hezbollah, o grupo desenvolveu novas e, às vezes, mais bem-sucedidas táticas.[46] Segundo um porta-voz político da Força Interina da ONU no Líbano, o Hezbollah era a única de muitas milícias no Líbano que analisava suas ações militares para determinar o que fazer melhor no próximo encontro: "Estes homens aprendem com seus erros."[47] A análise constante do Hezbollah sobre os resultados de suas ações destaca a viabilidade do seu processo de tomada de decisões militares. Em resumo, eles executavam as operações de acordo com o seu valor militar. A decisão para usar o homem-bomba foi prática devido aos resultados militares obtidos nessa forma de ataque.

O primeiro ataque suicida ocorreu durante a tarde de 18 de abril de 1983, quando um homem-bomba do "Jihad Islâmico" explodiu num carro próximo a Embaixada dos EUA…

Sem dúvida, o Hezbollah era capaz e disposto a realizar outros tipos de ataque. Em dezembro de 1983, na região entre Tire e Sidon no sul do Líbano, cerca de 3 horas o Hezbollah, desta vez chamando-se de "A Resistência Nacional Libanesa", atacou os israelenses com rojões, metralhadoras, granadas e bombas colocadas às margens das estradas, as quais eram detonadas por controle remoto.[48] Evidentemente, o homem-bomba não era a única arma ou tática disponível para o Hezbollah; parece que o grupo optava pelo homem-bomba porque proporcionava uma variedade de vantagens militares, superando táticas convencionais tais como as emboscadas e ataques com granadas. David Benjamin e Steven Simon mostram algumas considerações importantes sobre estas vantagens: "O emprego de um carro-bomba significa que se o motorista colocá-lo tão próximo ao alvo quanto possível, o ataque maximizaria o número de baixas. O motorista não sobreviveria para identificar os cúmplices, minimizando os prejuízos à organização."[49]

Um homem-bomba determinado quase sempre causará um prejuízo ao inimigo durante seu ataque. Vestido como um civil, sem medo da morte e decidido a matar tantos quantos inimigos possíveis, ele é extremamente eficaz. Um general israelense no Sul do Líbano descreveu bem a situação quando disse simplesmente que o homem-bomba "é um fenômeno que é difícil combater."[50]

O Hezbollah foi cauteloso no emprego dos homens-bomba. Embora a tática signifique que o atacante não pode ser capturado e nem prestar informações ao inimigo, o ataque diminuiu o poder de combate da organização devido à morte do homem-bomba. Demasiados ataques suicidas que não causassem significativas baixas ao inimigo diminuiria o número já reduzido de militantes do Hezbollah, enquanto resultaria em pouca vantagem militar. Além do mais, a tática não proporcionaria grandes recompensas. Se o Hezbollah a empregasse demais, os israelenses adaptariam seus sistemas de defesa. Por outro lado, se os ataques não causassem mais baixas e o rendimento de benefícios políticos fosse reduzido, seria menos provável a existência de um corpo de homens-bomba querendo participar. Fadlallah entendeu isso: "Acreditamos que as operações de homens-bomba só devem ser realizadas se puderem produzir uma mudança política ou militar em proporção às paixões que incitam uma pessoa a colocar uma bomba no seu corpo. Como tal, as operações lançadas por muçulmanos contra os centros de inteligência israelenses em Tire ou Metulla foram bem-sucedidas, pois causaram significativos prejuízos aos israelenses. No entanto, as circunstâncias atuais já não são tão favoráveis para esse tipo de operação e os ataques que apenas infligem baixas limitadas no inimigo ou destroem um prédio não devem ser encorajados se o preço é a morte da pessoa que os realiza."[51]

O Hezbollah empregou os homens-bomba em uma série limitada de circunstâncias onde planejou tirar mais vantagens. Freqüentemente, o uso judicioso da tática, evidentemente resultou na consecução bem-sucedida das metas político-militares. A clareza

com que se pode deduzir os objetivos político-militares pretendidos, usando a escolha do momento certo e o sucesso dos ataques individuais, atesta o entendimento da situação política do Hezbollah e de seu conhecimento das capacidades e limitações dos homens-bomba.

Antes de abril de 1983, os EUA e Israel tinham começado a estabelecer o domínio maronita no Líbano e conseguir um tratado da paz Líbano-Israelense.[52] A assinatura de um tratado assim foi contrário a tudo que o Hezbollah representava. Proporcionou a Israel influência política permanente no País, permitiu que suas forças permanecessem no Sul do Líbano e propiciou aos maronitas a legitimidade internacional como líderes políticos. O Hezbollah tinha que responder.

O primeiro ataque suicida ocorreu durante a tarde de 18 de abril de 1983, quando um homem-bomba do "Jihad Islâmico" explodiu num carro próximo a Embaixada dos EUA, matando e ferindo vários soldados do Exército Libanês, alguns americanos (incluindo Robert Ames, o chefe do posto da CIA) e derrubando uma parte das instalações da embaixada.[53] O ataque foi um sucesso tático porque conseguiu matar americanos e danificar a Embaixada. Também resultou em alguns benefícios estratégicos para o Hezbollah: interrompeu as negociações da paz tanto que ambos, israelenses e norte-americanos, perceberam a necessidade de declarar que as negociações ainda estavam em progresso, apesar do ataque suicida.[54] Segundo uma fonte americana citada pela rádio *Beirut Voice of Lebanon* (Voz Beirute do Líbano), os americanos rapidamente entenderam que o ataque suicida fora "dirigido especificamente para frustrar a iniciativa sobre o Líbano e o Oriente Médio do Presidente Reagan."[55]

Sem dúvida, a parte central desta iniciativa foi o tratado de paz Israel-Líbano. O Hezbollah realizou com um sucesso moderado este primeiro ataque. Um tratado que muitas pessoas pensavam que seria assinado rapidamente levou mais de um mês para ser negociado e levou até mais tempo para conseguir aprovação do Parlamento Libanês. Isso foi um presságio dos eventos que estavam por chegar.

Em 23 de outubro de 1983, o Hezbollah chegou ao palco mundial quando homens-bomba atacaram os quartéis dos Fuzileiros Navais dos EUA e o alojamento dos franceses.[56] Os resultados pretendidos desse duplo ataque suicida foram divulgados um mês mais tarde durante uma transmissão de rádio justificando e ameaçando realizar mais atentados: "Já se tornou claro para nós que nossos inimigos não deixarão nosso país a não ser que lutemos contra eles... At-Tufayli jurou a Deus que a morte pelas mãos dos seguidores (*al-mu'minin*) os atingirá mesmo se estiverem em grandes fortalezas."[57] Ao estabelecer um objetivo político claro, o Hezbollah deixou os aliados saber que procurava atingir metas específicas por meio do emprego desta arma. A violência não foi apenas aleatória; o Hezbollah queria que os membros da Força Multinacional soubessem isso. Ofereceu a Força Multinacional uma escolha: sair do Líbano ou morrer.

O Hezbollah continuou a usar ameaças para pressionar a Força Multinacional a sair. Antes de março do ano seguinte, o Hezbollah avisou aos cidadãos libaneses ficarem longe das posições francesas porque elas seriam alvos de ataques até que os franceses saíssem do Líbano.[58] A organização queria que os estrangeiros soubessem que tinha os meios e a vontade de matar seus soldados e que não estariam seguros em nenhum lugar do país. Tais mensagens tinham a intenção de minar o apoio público nos EUA e em outros lugares, fazendo a missão parecer arriscada demais. A tática funcionou: "O Hezbollah calculou corretamente que os EUA podiam responder de certa maneira caso os custos da sua política atual fossem demasiado altos."[59] A mensagem política do Hezbollah — ressaltando os ataques suicidas duplos — foi bem entendida. A Força Multinacional se retirou do Líbano.

No espaço de alguns dias desde esses atentados, em 4 de novembro, o Hezbollah mais uma vez empregou um homem-bomba. Desta vez, o alvo foi a base dos Serviços de Segurança Israelenses (*Shin Bet*) em Tire. O ataque matou e feriu muitos israelenses, embora eles já tivessem sido avisados sobre a ameaça por ocasião dos ataques contra os americanos e franceses. A meta política do Hezbollah rapidamente se tornou evidente. Uma vez mais se identificando como Jihad Islâmico, a organização anunciou que sua operação anulou o tratado de paz israelense-libanês e que os ataques suicidas continuariam até que o tratado fosse abolido.[60]

O ataque em Tire também teve ganhos militares. Quando o Hezbollah conseguiu atacar um importante alvo em Israel, apesar da força de defesa daquele País saber que tais ataques eram prováveis, os

israelenses ficaram inquietos e começaram a questionar sua capacidade de proteção contra um inimigo que parecia possuir uma arma impossível de parar. O ataque também forçou os israelenses a sair dos centros urbanos, pois os membros do Hezbollah podiam mover-se livremente entre o povo e limitar o prejuízo colateral aos espectadores quando realizava ataques contra os israelenses.[61] O Hezbollah aprendera em batalhas palestino-israelenses anteriores que o prejuízo colateral pode tornar a população contra a causa da libertação, como tinha acontecido não apenas com os palestinos, mas também com os israelenses. Por isso, empurrar os israelenses para os postos avançados onde teriam pouca influência sobre a população e onde o Hezbollah poderia atacá-los sem prejudicar o povo foi um grande sucesso militar.

As operações depois de 1983 demonstraram a sofisticação dos ataques suicidas do Hezbollah e sua harmonização com as metas políticas e militares. Um ataque com um carro-bomba contra a Embaixada Britânica em 20 de setembro de 1984 quase matou os embaixadores dos EUA e da Inglaterra no Líbano.[62] O ataque demonstrou que nem os embaixadores de potências estrangeiras que procuram influenciar o Líbano podem operar sem impunidade. O Hezbollah mostrou, também, que pode desenvolver e executar tais táticas rapidamente. Em 8 de março de 1985, uma bomba, provavelmente colocada pela CIA — mas na época foi atribuída sua colocação aos israelenses — explodiu fora da residência de Fadlallah em Beirute, matando muitas pessoas, mas deixando Fadlallah ileso. Apenas dois dias mais tarde, em 10 de março, o Hezbollah respondeu com um homem-bomba que atacou um comboio das Forças de Defesa Israelenses, matando 10 soldados.[63] O Hezbollah queria demonstrar que nenhum ato militar contra eles passaria sem resposta e que esta sempre levaria a morte de seus inimigos.

Antes do fim de 1985, o Hezbollah conseguira expulsar a Força Multinacional e forçar as Forças de Defesa Israelenses a retirarem-se de Beirute e de uma grande área ao sul do Líbano, deixando-os em uma pequena área na fronteira. Com o objetivo de acelerar a retirada israelense e expulsá-los totalmente das terras libanesas, o Hezbollah montou pelo menos 12 ataques suicidas desde meados daquele ano até novembro. Alguns dos ataques foram realizados por homens-bomba montados em burros.[64] Esses ataques eram mensagens políticas e militares inequívocas significando que soldados israelenses continuariam a morrer até que sua retirada do Líbano fosse completa.

A partir de 1986, quando os ataques suicidas começaram a render um menor número de baixas inimigas, o Hezbollah passou a empregá-los com menos freqüência, embora permanecessem uma ameaça potente. Um homem-bomba, em outubro de 1988, matou oito soldados das Forças de Defesa Israelenses. Sabendo que isso provocaria um contra-ataque israelense, o Hezbollah ameaçou executar dois soldados israelenses capturados em fevereiro de 1986 se os israelenses lançassem um ataque terrestre contra eles.[65] Estas táticas assimétricas — um ataque suicida seguido por uma ameaça de executar prisioneiros — demonstraram a capacidade do Hezbollah de adaptar e inovar para conseguir seus objetivos militares e políticos.

A Legitimidade por meio de Ataques Suicidas

O ambiente político durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990) foi totalmente caótico. Não somente pelas numerosas facções existentes, mas também porque durante quase 2 décadas a Síria, Israel, EUA, França, Itália, Grã Bretanha e alguns iranianos participaram das ações militares no Líbano. Israel e Síria procuraram dominar o País, no entanto somente a Síria conseguiu esse êxito. Dentro deste ambiente, naturalmente as pessoas se tornaram cínicas, considerando a maioria das milícias como grupos de brutamontes, pois não eram muito diferentes uns dos outros. Neste ambiente, o Hezbollah surgiu como o defensor piedoso de um ideal verdadeiro. Além de suas implicações religiosas e militares, o emprego de homens-bomba foi o caminho pelo qual o grupo aspirou à legitimidade no País e no exterior. O Hezbollah alegou ser o protetor do Líbano, determinado a acabar com a submissão e expulsar os estrangeiros — menos os sírios — que queriam dominar o Líbano. O homem-bomba seria sua evidência.

Segundo Daniel Benjamin e Steven Simon, "O fundamentalismo prolifera em um ambiente de conflito..."[66] O Hezbollah não teve que fazer

nada para criar este ambiente de conflito entre os xiitas sem direitos civis no sul do Líbano e nas favelas de Beirute. Esses grupos moravam em zonas de guerra onde partidos belicosos causavam situações caóticas nos seus lares e lugares de trabalho e outros onde o governo procurava privá-los do poder adquirido através do seu status de maioria. Esse ambiente de conflito motivou novas gerações de xiitas a juntarem-se às fileiras de Musa al Sadr-Amal. Depois de que Sadr morreu, Amal perdeu muito seu apoio popular e parecia ser pouco diferente de outros grupos competindo pelo domínio na área. Quando Mussawi tentou persuadir Amal a alinhar-se islamicamente com a Revolução Iraniana, ele foi expulso da organização. Para responder, ele formou o Amal Islâmico em 1982, o precursor do Hezbollah.[67] O Amal Islâmico procurou a legitimidade por meio da resistência contra a ocupação israelense e pelo Islã.

Se não fosse por um acidente ocorrido em Nabatiya em 16 de outubro de 1983, o novo grupo de Mussawi poderia ter permanecido como mais um na multidão de brutamontes que dominavam o país. Mas naquele dia, um comboio israelense em Nabatiya entrou no meio de uma procissão xiita de *Ashura*. Os xiitas responderam ao virar algumas viaturas israelenses e jogar pedras nos soldados, que então dispararam contra a multidão, matando e ferindo vários xiitas. Os xiitas consideram isso um sacrilégio, e a comunidade inteira se voltou contra Israel e a Força Multinacional, que consideraram ser um servente israelense.[68] Amal e outras organizações xiitas primeiramente responderam apenas com palavras. Shams al-Din, o principal líder xiita no Líbano, respondeu ao incidente pedindo a desobediência da população contra os israelenses, proibindo qualquer cooperação com aquelas tropas, exigindo um fim à facção política, exigindo que o governo desse mais atenção aos problemas dos xiitas e requerendo a unidade do Líbano.[69]

Enquanto Amal e Shams al-Din responderam com palavras, o Hezbollah respondeu com ação: os ataques de homens-bomba nos quartéis dos Fuzileiros Navais dos EUA e das tropas francesas, além do atentado ao prédio de Shin Bet em Tire. Shams al-Din pediu à população a desobediência e que esperasse "anos para conseguir o objetivo final."[70] O Hezbollah procurou conseguir esse objetivo final tão rápido quanto possível por meio de ação militar.

Os homens-bomba representavam a resistência altruísta contra a ocupação estrangeira para os olhos de muitos libaneses, não apenas somente dos xiitas. Em um país dilacerado por facções corruptas e avarentas, o sacrifício pessoal do homem-bomba proporcionou ao Hezbollah uma posição de superioridade moral e conseqüentemente um instrumento com legitimidade. Esse aspecto foi ampliado pelos ataques de homens-bomba após a Carta Aberta do Hezbollah em 1985. A sinceridade da carta, que usou da piedade e da dedicação para a causa da libertação do Líbano da submissão e do domínio estrangeiro, foi comprovada aos olhos de um povo, cético, pelas ações de sacrifício pessoal dos mártires do Hezbollah.[71]

A proposta do Hezbollah para conseguir a legitimidade foi comprovadamente bem-sucedida. Augustus Richard Norton escreve que antes de 1985, "Amal foi profundamente contestado pelo mais radical Hezbollah... o Hezbollah superou Amal nas áreas de Beirute..."[72] O êxito do grupo em legitimar sua causa por meio de ataques suicidas foi enfatizado pela iniciativa de outros competidores, especialmente os sírios, de empregar o mesmo tipo de tática. Para responder à crescente popularidade do Hezbollah, outros grupos começaram a fazer propaganda sobre o número de ataques suicidas e de operações de guerrilha realizados, freqüentemente aumentando o número para obter mais credibilidade como combatentes da resistência. Vários grupos entraram em contato com organizações de notícias internacionais e locais para reivindicar tantos ataques suicidas quanto possível.[73] Evidentemente, outros grupos pensavam que os ataques suicidas e as reivindicações de ataque aos israelenses e outros estrangeiros foi um caminho eficaz para ganhar a legitimidade.

Os homens-bomba do Hezbollah serviram como modelo, inspirando outros a unirem-se para lutar. Por muito tempo, os mártires tinham sido uma fonte de inspiração, se não um estímulo, para os xiitas piedosos e parece que os homens-bomba tinham vivido e morrido segundo os padrões respeitáveis de um dos 12 Imames e outros grandes heróis do xiismo.[74] Os xiitas enalteciam os sacrifícios dos homens-bomba e procuravam inspirar outros jovens a imitá-los. De fato, crianças "fingiam-

se de mártires" sob os olhos de professores complacentes.[75] Por todas as áreas rurais no sul do Líbano, os letreiros comemoravam o heroísmo do homem-bomba. Um desses letreiros dizia: "Em 19 de outubro de 1988, à 013h25min, um carro-bomba armado com 500 quilos de explosivos transformou dois soldados israelenses em massas de fogo, uma severa agressão que o Exército Israelense recebera no Líbano."[76]

O Hezbollah transformou a imagem dos ataques suicidas em paradigmas de resistência. Outros, inspirados pela dedicação do grupo decidiram resistir sozinhos. Algumas mulheres que não eram membros do Hezbollah executaram ataques suicidas, bem como um pretenso homem-bomba do Mali (cujo atentado foi mal sucedido).[77] Os profícuos louvores recebidos pelos mártires do Hezbollah incentivaram outros a seguir seus passos e inspiraram o reconhecimento internacional do Hezbollah como a resistência legítima no Líbano. Escritores em lugares tão distantes como Trípoli elogiaram as virtudes do Hezbollah e os ataques de homens-bomba.[78] Esse tipo de ataque transformou-se em uma ferramenta eficaz de propaganda, se tornou o símbolo que definiu um movimento e aqueles que apoiavam suas metas, legitimou os membros do Hezbollah como os representantes da resistência.

Palavras Finais

As pessoas do Ocidente, pelo menos no início, que consideravam os ataques suicidas como um tipo de violência sem propósito feito em nome do islamismo, estavam erradas. O Hezbollah estudou profundamente as implicações teológicas desse tipo de arma, suas capacidades e limitações, as metas políticas e militares que poderia alcançar e o valor de sua propaganda. A tática predileta do Hezbollah foi longe de ser ilógica; de fato, dado a sua situação política e a sua cultura era bastante racional e talvez até moral.

Se os ataques suicidas tivessem sido realizados por uma organização irracional e irresponsável, as metas que a organização procurava realizar não teriam sido tão claras. Também, a organização não teria obtido tanto êxito político e militar quanto obteve na década de 80. Ao combinar os ataques de homens-bomba com outras táticas de guerrilha, o Hezbollah alcançou os maiores efeitos militares possíveis. A organização entendeu, também, que os ataques suicidas podiam funcionar internamente como uma ferramenta eficaz de propaganda, uma que pode legitimar o Hezbollah no ambiente político do Líbano.

Em um mundo que agora está muito bem suprido de homens-bomba, do conflito palestino-israelense à guerra na Chechnya, do Afeganistão ao Iraque, entender que os ataques suicidas são um fenômeno de muitas faces é essencial para desenvolver as táticas para enfrentá-los. Embora alguns grupos não empreguem o homem-bomba de forma tão sábia ou judiciosa como o Hezbollah, os ataques suicidas já se tornaram uma ameaça onipresente no campo de batalha moderno e uma ameaça, que para ser enfrentada, tem que ser compreendida pelo que ela realmente representa: uma tática eficaz e comprovada pelo tempo e que, quando em mãos competentes pode ser usada para alcançar objetivos político-militares. Mais estudos determinarão se a estrutura da análise usada neste trabalho para explicar o emprego do homem-bomba pelo Hezbollah, na década de 80, também se aplica a outros grupos que utilizam esse mesmo instrumento. Se esta análise for aplicável, então as organizações contra-terroristas têm que desenvolver táticas que procurem minar a lógica religiosa, militar e política da arma.***MR***

Referências

1. Morteza Mutaharri, *Jihad and Shahadat: Struggle and Martyrdom in Islam*, editores e tradutores Mehdi Abedi e Gary Legenhausen (Houston, Texas: Institute for Research and Islamic Studies, 1986), p. 126.

2. PETIT, Michael, *Peacekeepers at War: A Marine's Account of the Beirut Catastrophe* (Boston: Faber and Faber, 1986), p. 3.

3. HALM, Heinz, *Shi'a Islam: from Religion to Revolution,* traduzido de alemão por Allison Brown (Princeton, Nova Jersey: Markus Wiener Publishers, 1997), p. 62.

4. GOLDBERG, Jeffrey, "In the Party of God," *New Yorker*, 28 de outubro de 2002, p. 183.

5. MAYER, Ann Elizabeth, "War and Peace in the Islamic Tradition and International Law," *Just War and Jihad: Historical and Theoretical Perspectives on War and Peace in Western and Islamic Traditions*, editores John Kelsay e James Turner Johnson (Nova York: Greenwood Press, 1991), pp. 218-219.

6. "The Man Who Holds the Hostages," *Time*, 20 de março de 1989, p. 42.

7. Muhammad Sa'id Ashmawi, *Against Islamic Extremism: the writings of Muhammad Sa'id al-'Asmawy*, editora Carolyn Fluehr-Lobban (Gainesville, Florida: University Press of Florida, 1998), p. 116.

8. GOLDBERG, p. 192.
9. "Fadlallah Urges Release of Kidnapped Foreigners" NC311253, *Beirut Domestic Service*, em árabe, 31 de março de 1985, *Foreign Broadcast Information Service* (*FBIS*), 1 de abril de 1985, p. G-4.
10. HALM, p. 56.
11. MORRIS, Benny, *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict*, *1881-2001* (Nova York: Vintage, 2001), p. 554.
12. HALM, p. 62.
13. Abdulaziz Abdulhussein Sachedina, *The Just Ruler (al-sultan al-'adil) in Shi'ite Islamic: The Comprehensive Authority of the Jurist in Imamite Jurisprudence* (Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1988), p. 91.
14. Ibid.
15. KELSAY, John, *Islam and War: The Gulf War and Beyond, A Study in Comparative Ethics* (Louisville, Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1993), p. 48.
16. HALM, p. 18.
17. Ibid, p. 136.
18. El Ayatolá Said Ruholá Mousavi Khomeini, *A Clarification of Questions: an Unabridged Translation of Resaleh Towzih al-Masael,* tradutor J. Borujerdi (Boulder, Colorado: Westview Press, 1984), p. 374.
19. El Ayatolá Ja'far Sobhani, *Doctrines of Shi'i Islam: A Compendium of Imami Beliefs and Practices*, editor e tradutor Reza Shah-Kazemi (Nova York: I. B. Tauris & Co. Ltd, 2001), p. 153.
20. SACHEDINA, p. 111.
21. KELSAY, p. 38.
22. Said Amir Arjormand, "Ideological Revolution in Shi'ism," *Authority and Political Culture in Shi'ism*, editor Said Arjormand (Albany, Nova York: SUNY Press, 1988), p. 194.
23. KHOMEINI, p. 379.
24. Majed Halawi, *A Lebanon Defied: Musa al-Sadr and the Shi'a Community* (Boulder, Colorado: Press, 1992), p. 205.
25. Shaukat Ali, *Dimensions and Dilemmas of Islamist Movements* (Lahore, Paquistão: Sang-E-Meel Publications, 1998), p. 129.
26. KEPEL, Gilles, *Jihad: the Trail of Political Islam*, tradutor Anthony Roberts (Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 2002), pp.124-5.
27. Ibid, p. 129.
28. "Open Letter by Hizb Allah," em NORTON, Augustus Richard, *Amal and the Shi'a: Struggle for the Soul of Lebanon* (Austin, Texas: University of Texas Press, 1987), p. 168.
29. MUTAHARRI, p.128.
30. Fouad Ajami, *The Vanished Imam: Musa al Sadr and the Shia of Lebanon* (Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 1986), p. 215.
31. Mahoma Hashim Kamali, *Principles of Islamic Jurisprudence* (Cambridge, Massachussets: Texts Society, 1991), p. 388.
32. SACHEDINA, p. 109.
33. MILLER, Judith, *God Has Ninety-nine Names: Reporting from a Militant Middle East* (Nova York: Simon and Schuster, 1996), p. 278.
34. Hezbollah "Open Letter," p. 168.
35. HALM, p.18.
36. GOLDBERG, p. 193.
37. AJAMI, p. 203.
38. PARTNER, Peter, *God of Battles: Holy Wars of Christianity and Islam* (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1997), p. 51.
39. Shari'ati en *Jihad and Shahadat*, p. 214.
40. *Extreme Islam: Anti-American Propaganda of Muslim Fundamentalism*, editor Adam Parfrey (Los Angeles, Califórnia: Feral House, 2001), pp. 201-202.
41. "Hezbollah Leader Interviewed on Ties to Iran," NC101527, *Agence France Presse* (AFP) (Paris), em inglês, às 1514Z, 10 de julho de 1985, *FBIS*, 11 de julho de 1985, pp. G2–G3.
42. "Lebanese Shi'ites Urge Islamic Revolution," LD131431, *Tehran Domestic Service*, em persa, às 1030Z, 13 de fevereiro de 1984, *FBIS*, 14 de fevereiro de 1984, p. G9.
43. "Shi'ite on Hijacking, Other Issues," PM051001, *Al-Nahar Al-'Arabi Wa Al-Duwali* (Beirute), de 1 a 7 de julho de 1985, pp. 18-23, *FBIS*, 5 de julho de 1985, pp. G7–G9.
44. "Husayn Fadlallah," *Der Spiegel*, 1 de abril de 1985, pp. 134-137, *FBIS*, 4 de abril de 1985, pp. G3-G5.
45. AJAMI, p. 217.
46. MORRIS, p. 555.
47. Citado em SHADID, Anthony, *Legacy of the Prophet: Despots, Democrats, and the New Politics of Islam* (Boulder, Colorado: Westview, 2001), p. 136.
48. "VOAL Reports Four 'Heroic Operations' in South," NC201240, (Clandestina) *A Voz do Líbano Árabe*, em árabe, às 1130Z, 20 de dezembro de 1983, *FBIS*, 21 de dezembro de 1983, p. G2.
49. BENJAMIN, Daniel e SIMON, Steven, *The Age of Sacred Terror* (Nova York: Random House, 2002), p. 29.
50. "Maj Gen Or Comments on Suicide Car-Bomb Attack," TA101134, *Ma'Ariv* (Tel Aviv), em hebraico, 10 de abril de 1985, p. 1.11 [informe do correspondente militar Yosef Walter], *FBIS*, 11 de abril de 1985, pp. I5–I6.
51. "Sayyid Muhammad Husayn Fadlallah Interviewed," NC230849, *Beirut Monday Morning*, em inglés, de 16 a 22 de dezembro de 1985, pp. 22-25, *FBIS*, 24 de dezembro de 1985, pp. G3-G5.
52. BAILEY, Clinton, "Lebanon's Shi'is After the 1982 War," em *Shi'ism, Resistance, and Revolution,* editor Martin Kramer (Boulder, Colorado: Westview Press, 1987), p. 221.
53. "Booby-Trapped Car," NC181201, (Clandestina) *Radio Líbano Livre*, em árabe, às 1148Z, 18 de abril de 1983, *FBIS*, 18 de abril de 1983, p. G1; veja também MORRIS, pp. 551-552.
54. "Peace Talks to Continue Despite Embassy Blast," TA190607, *Jerusalem Domestic Service*, em hebraico, às 0600Z, 19 de abril de 1983, *FBIS*, 19 de abril de 1983, p. I3.
55. "U.S. Reportedly Has Information on Explosion," NC211830, *A Voz do Líbano* (Beirute), às 1715Z, 21 de abril de 1983, *FBIS*, 22 de abril de 1983, p. G1.
56. MORRIS, pp. 551-552; AJAMI, p. 217.
57. "Hezbollah Official Warns Multinational Force," NC290654, (Clandestina) *Radio Líbano Livre*, em árabe, às 0545Z, 29 de novembro de 1983, *FBIS*, 29 de novembro de 1983, p. G3.
58. "AFP: French Expecting Attacks by Islamic Jihad," NC061423, *AFP*, em inglés, às 1413Z, 6 de março de 1984, *FBIS*, 7 de março de 1984, p. G5.
59. BENJAMIN, p. 119.
60. "Al-Jihad Member Quoted on Tyre Blast," NC041426, (Clandestina) *A Voz do Líbano Árabe*, em árabe, às 1336Z, 4 de novembro de 1983, *FBIS*, 7 de novembro de 1983, pp. G6-G7.
61. "Recommendations of Commission Published," TA171534, *Bahamane* (Tel Aviv), em hebraico, 16 de novembro de 1983, 5, 8, *FBIS*, 18 de novembro de 1983, pp. I4-I5.
62. O'BALLANCE, Edgar, *Civil War in Lebanon, 1975-92* (Nova York: St. Martin's Press, 1998), p. 148.
63. Ibid, p. 155.
64. "Suicide Car Bomb Explodes West of Jazzin," NC261315, *AFP* (Paris), em inglês, às 1242Z, 26 de novembro de 1985, *FBIS*, 26 de novembro de 1985, p. G4.
65. O'BALLANCE, p. 185.
66. BENJAMIN, p. 115.
67. O'BALLANCE, p. 133.
68. FRIEDMAN, Thomas L., *From Beirut to Jerusalem* (Nova York: Anchor Books, 1995), pp. 179-180.
69. "Shi'ite Declares Resistance to Israel," NC161034, *Beirut Domestic Service*, em árabe, às 1000Z, 16 de outubro de 1983, *FBIS*, 18 de outubro de 1983, pp. G3-G4.
70. "Shi'ite Views Situation; Raps U.S., Israel," PM221517, *Al-Hawadith* (Londres), em árabe, 23 de dezembro de 1983, 20-22, *FBIS*, 23 de dezembro de 1983, pp. G1–G3.
71. MILLER, p. 283.
72. NORTON, Augustus Richard, "Hizballah: From Radicalism to Pragmatism?" *Middle East Policy Council* (janeiro de 1988), disponível em: <www.mepc.org/public_asp/journal_vol5/9801_norton.asp>.
73. "Suicide Operation Reported in South 4 Nov," NC040944, *AFP* (Paris), em inglês, às 0932Z, 4 de novembro de1985, *FBIS*, 4 de novembro de 1985, p. G3.
74. ROSINY, Stephan, "The Tragedy of Fatima Al-Zahra," de "Debate of Two Shi'ite Theologians in Lebanon," em *The Twelve Shia in Modern Times: Religious Culture and Political History*, editores Rainer Brunner e Werner Ende (Boston: Brill 2001), pp. 207-8.
75. MILLER, p. 256.
76. GOLDBERG, p. 188.
77. "50 Lahd Men Killed," NC261920, *Beirut Domestic Service*, em árabe, às 1900Z, 26 de novembro de 1985, *FBIS*, 27 de novembro de 1985, p. G1; "UNIFIL Foils Suicide Car-Bomb Attempt," NC092105, *AFP*, em inglês, às 2054Z, 9 de dezembro de 1985, *FBIS*, 10 de dezembro de 1985, p. G1.
78. "JANA Editor Lauds Martyrdom in Commando Attacks," LD021558, *JANA* (Trípoli), em inglês, às 1452Z, 2 de agosto de 1985, *FBIS*, 5 1985, p. Q2.